

- q) No meu caso, vamos supor que, tipo plano: tiro o mestrado, não consigo emprego, vem a calhar filho... então, não dá pra responder, Maria, sei lá. (ilustrativo)
- r) ... entre eu e ele mais tarde, se a gente se casar, vai haver união, entendeu?... e eu gosto dele paca. (não ilustrativo)

## Outros tipos de contextos

Dell Hymes (1962) criou o termo “etnografia da fala” para mostrar que o estudioso da linguagem na sociedade precisa descrever todos os “eventos de fala” reconhecidos em uma comunidade de fala. Ora, o conceito de eventos de fala é, em última análise, precursor dos estudos sociolinguísticos de linguagem e contexto na linha laboviana. Hymes propõe sete parâmetros para a descrição desses eventos: emissor, receptor, tópico, canal, código, forma da mensagem, registro e propósito. Exemplos de eventos de fala seriam uma missa, um discurso político, uma aula, uma conversa de bar.

Os exemplos vistos até aqui ilustram fenômenos variáveis da linguagem que se alteram em contextos situacionais, interacionais e discursivos. Um tratamento completo da questão do contexto, contudo, levaria a esferas mais amplas do que as tradicionalmente tratadas na Sociolinguística (ver, por exemplo, Levinson, 1983). Como se sabe, o estudo desta dependência do contexto para a interpretação semântica dos enunciados constitui a área de interesse da pragmática (ex.: os dêiticos e os atos de fala). Em vista do exposto, pode-se concluir que a Sociolinguística, por tratar igualmente da problemática do contexto, não deveria ser desvinculada da pragmática.

## EXERCÍCIOS

- 1) Procure gravar um professor em sala de aula e, depois, em conversa informal no bar ou lanchonete de sua escola, junto a outros alunos. Verifique se houve alterações de sua pronúncia em cada situação. Observe, por exemplo, a pronúncia dos ditongos, dos **r** e dos **s** finais.
- 2) Observe a fala de locutores de noticiário na televisão ou rádio. Compare com a fala de locutores de programas de música para jovens em rádios em frequência modulada. Veja, por exemplo, o grau de formalidade dos itens lexicais, o uso de gírias, a pronúncia dos ditongos e o alongamento das vogais tônicas.

## 8. Relevância das variáveis linguísticas

Vera Lúcia Paredes da

### Introdução

Ao estudar a língua em uso numa comunidade, defrontamo-nos com a realidade da variação. Os membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idades diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se.

Coletando seus dados em situações reais de comunicação, a Teoria da Variação Linguística capta exemplares da língua em uso num contexto social e pode dizer, assim, seu foco de interesse imediato para esses condicionamentos externos. É aí que se verifica nos primeiros trabalhos de Labov sobre a centralização de ditongos (Martha's Vineyard e sobre a pronúncia do /r/ em Nova York (Labov, 1972)).

É certo que, de início, os fenômenos escolhidos para análise pelos variaçãoistas, envolvendo principalmente diferenças de pronúncia, eram bem cados socialmente. É certo ainda que, ao lado dos aspectos sociais, sempre investigou a influência de variáveis (ou grupos de fatores) internos, isto é, natureza linguística (fonológicos, morfofonológicos, sintáticos, semânticos). Mas a primazia dos fatores sociais tinha uma justificativa adicional: assim, uma postura teórica oposta à idealização gerativista e mostrava o comportamento de um falante/ouvinte real, numa comunidade linguística longe de ser homogênea. Desenvolvia-se, assim, uma Sociolinguística precisa, rigorosa: em sua científica, apoiada nos métodos de análise quantitativa introduzidos por Labov (1969) e refinados por Cedergren e Sankoff (1974).

Os primeiros trabalhos variaçãoistas tratavam de fenômenos morfofonológicos, nos quais a premissa básica da variação — que as duas ou mais formas alternantes ocorram no mesmo contexto, com o mesmo significado — poderia mantida com certa confiabilidade. Além disso, a exigência de um grande número de ocorrências para a análise era facilmente cumprida. Afinal, numa amostra de encontrar-se mais sons/fonemas do que qualquer outra entidade linguística.

Natural também, nesse tipo de estudo, que entre os fatores internos de natureza fonológica prevalecessem. Na verdade, alguns deles não tratavam propriamente novidade. Verificar a influência do segmento fônico precedente subsequente, ou o papel da sílaba tônica na flutuação de pronúncia de um fonema já era investigação levada a cabo nas análises estruturalistas. Outros conceitos foram introduzidos pelos variaçãoistas, como o de *saliência fônica*, que se mo-